

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DA HUMANIDADES E LETRAS**

JOEL VICTOR BUAIGA

**A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DESCOLONIAL AFRICANO E
LATINO-AMERICANO E A SUA IMPORTÂNCIA NA
CONTEMPORANEIDADE**

REDENÇÃO

2018

RESUMO

O presente artigo procura analisar e pensar estrategicamente a respeito da construção do pensamento descolonial Africano, e Latino Americano e a sua importância na perspectiva contemporânea, através dos seus intelectuais. Visto que, atualmente a luta contra a colonialidade do saber se configura como a segunda luta principalmente para os países e nações que foram submetidas às experimentações da perversidade colonial. Sendo que a primeira luta se insere na perspectiva territorial, isto é, na luta pelas independências dos diversos países africanos, principalmente os da África negra, e também da América latina, que, por conseguinte deixou profundos resquícios coloniais em todas esferas da vida do colonizado. Sendo assim, na seara descolonial, esse artigo procura ainda enaltecer as suas distintas concepções epistemológicas que concomitantemente as levou na contestação e ressignificação da sua condição enquanto seres colonizados que procuram auto afirmar-se culturalmente.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento descolonial; África e latino-Americano; perspectiva epistemológicas.

ABSTRACT

This article tries to analyze and think strategically about the construction of African, Latin American and Latin American decolonial thinking and its importance in the contemporary perspective, through its intellectuals. Since, at present, the struggle against the coloniality of knowledge is the second struggle mainly for the countries and nations that have been subjected to the trials of colonial perversity. As the first struggle fits within the territorial perspective, that is, in the struggle for the independence of the various African countries, especially those in black Africa, and also in Latin America, which consequently left deep colonial remnants in all spheres of life of the colonized . Thus, in the decolonial section, this article also seeks to extol its different epistemological conceptions, which concomitantly led to the contestation and re-signification of its condition as colonized beings who seek to assert themselves culturally.

KEY WORDS: decolonial thinking; Africa and Latin America; epistemological perspective.

INTRODUÇÃO:

A matéria do pensamento descolonial africano e Latino-Americano na contemporaneidade, sendo foco do trabalho, procura evidenciar as dinâmicas decorrentes e determinantes a esse processo, através dos seus protagonistas, e conseqüentemente formular as suas posições frente as ideologias europeias, porém, construindo-as sobre os escombros da civilização mental. Sendo que a libertação das mentes dos povos submetidos ao colonialismo seria de um duro combate para a sociedade mais do que a própria eliminação do imperialismo colonial. O colonialismo deixou fissuras profundas em todas as esferas das sociedades que testemunharam a perversidade do jugo colonial, tanto do econômico, político e cultural, que precisam ser reconhecidas e evidenciadas para que se possa pensar estrategicamente, a forma de os eliminar.

A descolonização, que se propõe mudar a ordem no mundo, é visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inelutabilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação - ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono - foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que "os" conhece. O colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial. (FANON 1961. P.26)

Portanto, o pós-colonial representa uma ordem histórica posterior aos momentos de colonização, ou seja, representa uma fase após a independência dos países ou sociedades à supremacia colonial. Sendo assim, o processo descolonial insere-se numa perspectiva distinta ao pós-colonial. Primeiramente pela sua ordem cronológica. Ou seja, o processo descolonial surgiu em paralelo com as perspectiva colonial, ou seja, durante o processo da colonização, surgiu forças paralelas descoloniais que fazia presente ao processo colonial.

No segundo momento já no âmbito pós-colonial, ou seja, momentos pelo qual se configura com as libertações territoriais por parte dos colonialistas, entra o processo do pensamento descolonial como elemento despertador, visando uma reconfiguração da consciência autónoma, tanto na esfera político, epistemológico, cultural e económico, tendo em conta aos desafios da modernidade.

O pensamento descolonial proporciona na atualidade uma verdadeira ferramenta para autoafirmação da consciência individual e coletiva, pelo que a sua objetividade se insere na perspectiva do debate da condição social, política, cultural e económica do ex. colonizado, que procura métodos para o desvio das ideologias neocoloniais. Porém é imprescindível no contemporâneo abordar sobre esse processo, principalmente nos espaços em que o colonialismo teve sua forte influência, tanto psicológico assim como cultural.

O objetivo principal desse trabalho, é passar impressões do quão é fundamental abordar sobre a questão descolonial como elemento necessário de afirmação, e de emancipação em dois contextos diferentes, Latino-Americano e Africano, e por conseguinte, evidenciar as formulações ideológicas e propostas descoloniais defendidas por intelectuais inseridos nesses dois contextos distintos, dominado pela colonialidade de saber, poder e ser, através das suas construções epistemológicas, visto que as suas obras possuem uma grande importância na medida que procura fazer uma ruptura profunda em diversos aspetos culturais e epistemológicos europeia, e consequentemente promover e valorizar os aspetos culturais do local.

Nessa perspectiva, o segmento descolonial se configura como um fator norteador e despertador da consciência, estabelecendo como a necessidade, uma ruptura epistemológica, cultural e política, duma determinada ordem social dominada. A exemplo desses espaços geográficos distintas que sofreram, e ainda sofrem os resquícios da perversidade colonial, que continua se arrastando duma forma mascarada travestido com as propostas “cooperativas” com o objetivo de neocolonizar e balcanizá-los. Sendo assim, é de suma importância ao abordar desse fenómeno, tendo em conta o contexto vigente que esses países estão inseridos no contemporâneo.

O problema dessa pesquisa procura evidenciar quais foram as distintas posições tomadas por intelectuais desses diferentes espaços, face ao processo da descolonização mental. O trabalho está dividido em duas secções sequenciais. Na primeira parte será invocado sobre os processos da descolonização epistemológicas e suas dinâmicas dentro das dimensões Latino-Americanas, através das organizações e movimentos que lutaram, e que ainda lutam para uma autonomia intelectual e epistemológica. Procurando estabelecer as suas concepções literárias, as lutas e as conquistas, tendo em vista, a procura incansável e determinante do espírito descolonial.

E no segundo momento, também busca-se evocar a dimensão Africana (África Negra) nos processos da luta do pensamento descolonial, trazendo assim análises dos intelectuais e protagonistas africanos na busca pela independência intelectual e política. Intelectuais que trilharam e enveredaram com o propósito definido em busca duma África livre e desenhada sob fundamentos epistemológicos autónomos. E por último, sendo um dos pontos considerável mais proeminente da pesquisa, ao qual procura evidenciar a importância do processo descolonial no contemporâneo.

O PENSAMENTO DECOLONIAL LATINO-AMERICANO E AS SUAS PERSPETIVAS

Segundo Quijano (2005) a emergência do processo da globalização foi um marco que suscitou abertura do capitalismo colonial moderno como novo poder na América Latina sustentada na classificação social pela ideia de raça. Portanto, América Latina foi tido como o primeiro lugar que experimentou o novo padrão do poder mundial, por ser classificado pelos conquistadores como populações de raças com estruturas biologicamente diferenciados e considerados como inferiores em comparação com outras raças. Essa ideia é tida como principal motivo para explicação da dominação que depois foi alastrando-se por outras civilizações, com o intuito de captar recursos.

A América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (Quijano, 2005 p. 117)

Nessa perspectiva do estudo da colonialidade na seara latino-americano, surge grandes autores, e intelectuais como no caso de Walter D Mignolo e Anibal Quijano com as suas grandes contribuições que desencadearam enormes debates e desafios epistemológicos em cima do termo da Colonialidade. Um dos grandes objetivos traçados na perspectiva Latino-Americano é a busca duma ciência social autônoma e conseqüentemente anti-imperialista. Nessa ótica, alguns intelectuais latino-americano sofreram influencias de teóricos das grandes obras dos autores que defendiam a teoria de dependência, como no caso de Enrique Dussel, e Rodolfo Kusch, para fundamentar e elucidar os princípios da autonomia na ciência social que tanto defende.

O grupo dos estudos latinos americanos bebiam também doutras fontes de inspiração para consolidação das suas lutas anticolonialistas, como no caso de estudos culturais, a teoria pós-colonial, a filosofia africana. Enquanto que no grupo modernidade e colonialidade na mesma perspectiva tiveram as suas influências nesse processo através das teorias críticas europeias, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial, a norte americana e a filosofia africana, tendo em vista na construção de espaços e conhecimentos não subalternizado.

A discussão do processo descolonial, na América Latina sofreu grandes influências das lutas contra os golpes militares e o próprio imperialismo estadunidense, também devido os grandes debates inerentes as guerras de descolonização na África e Ásia. Sendo assim, nos seus debates evocavam grandes intelectuais africanos que serviram de fontes de estímulo para a construção dos seus debates em torno do processo descoloniais como no caso de Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Agostinho neto, N'Krumah, Stockley Carmichael, e assim como intelectual indiano, Ranajit Guh:

Os latino-americanos bebem dos debates nascidos a partir das guerras de descolonização em África e em Ásia. Trazem a inspiração dos guerrilheiros pensadores Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Kwane N'Krumah, Stockley Carmichael, Malcom X e Eldridge Cleaver. Não menos do grupo liderado pelo indiano Ranajit Guha que realiza uma reconstrução historiográfica a romper com a história oficial. Entretanto, incorporam a marca também de Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Torres (GUIMARÃES, 2013, p. 33).

A matéria do processo descolonial, trata-se de uma ferramenta muito discutida pelos intelectuais, tanto nos países da América latina assim como nos países Africanos (Africa Negra) a respeito disso, surge o coletivo da modernidade e colonialidade que é constituído por intelectuais latino americano que teve como propósito para sua luta, a busca da ressignificação utópica dentro da esfera da ciências sociais, como elemento promissor e autónoma para edificação do aparato epistemológico na américa latina concretamente no sec. XXI. Portanto, esse movimento não teve estritamente como a única função fazer imperar as lutas para um resgate epistemológico e autónoma em termos da ciência social, mas também procurava incutir um viés crítico aos moldes coloniais, dando assim espaço ao pensamento descolonial como objeto crítico aos ideais políticos europeias. Portanto, o movimento continha grandes intelectuais que nas suas

trajetórias desenvolveram teorias que serviram de bases para as suas sustentações ideológicas.

A Teologia da Libertação desde os sessenta e setenta; os debates na filosofia e ciência social latino-americana sobre noções como filosofia da libertação e uma ciência social autônoma (por ex., Enrique Dussel, Rodolfo Kusch, Orlando Fals Borda, Pablo Gonzáles Casanova, Darcy Ribeiro); a teoria da dependência; os debates na América Latina sobre a modernidade e pós- modernidade dos oitenta, seguidos pelas discussões sobre hibridismo na antropologia, comunicação nos estudos culturais nos noventa; e, nos Estados Unidos, o grupo latino-americano de estudos subalternos. O grupo modernidade/colonialidade encontrou inspiração em um amplo número de fontes, desde as teorias críticas europeias e norte-americanas da modernidade até o grupo sul-asiático de estudos subalternos, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial e a filosofia africana; assim mesmo, muitos de seus membros operaram em uma perspectiva modificada de sistema-mundo. Sua principal força orientadora, no entanto, é uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos (Escobar, 2003, p.53).

Entretanto, a colonialidade nessa perspectiva é entendido por Grosfoguel (2008) como um elemento provido de dois sentidos. De um lado desempenha uma função denunciadora dos resquícios coloniais de dominação que ainda se fazem presente nas relações tanto culturais, político, económico e epistemológico. Por outro lado, procura resgatar e atualizar os valores determinantes a sua condição, que outrora tinham sido apagadas pelo processo da modernidade colonial. Lembrando que o termo colonialidade do poder foi criado por Aníbal Quijano nos anos de 1989 no qual detectou que mesmo com a expulsão dos colonialistas, ainda prevalece as relações de dominação.

Nessa perspectiva o termo colonialidade de poder surge como um elemento determinante dos países colonialistas, que através das suas necessidades políticas e económicas impõe um conjunto de regramentos e hierarquias aos espaços periféricos considerados de terceiro mundo. Sendo assim, a colonialidade global lança teia chamada modernidade como elemento aprisionador dos estados periféricos não europeu, impondo e determinando as suas escolhas de regimes estabelecidos, tendo como exemplo os grandes bancos e organizações internacionais.

Segundo Mignolo (2010) na sua concepção encara o termo colonialidade de poder como algo que traz consigo uma serie de direcionalidade ou objetivos, determinantes a que se pretende cumprir. Objetivos esses, que insere no campo do “controle da economia, da autoridade, do controle da natureza, e dos recursos naturais, do género e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2000, p. 342).

Nessa perspectiva o coletivo modernidade e colonialidade na América latina desempenhou um papel fundamental, na medida que se apropriou do pensamento descolonial como meio difusor das suas ideias para consolidação das lutas. Sendo assim, na sua visão Mignolo (2003) encara o pensamento descolonial como algo de teor fronteiriça, ou seja, como elemento que estabelece limites dentro das fronteiras da modernidade. E, entretanto, criticando e denunciando as imposições ideológicas que a mesma prega, tais como cristianismo, o marxismo, conservadorismo, liberalismo, o próprio colonialismo e neocolonialismo, e sem esquecer das suas consequências.

Portanto, o grupo modernidade e colonialidade através dos seus intelectuais mostravam uma forte rejeição epistemológica europeia, ao qual alguns dos intelectuais defendiam que o processo da modernidade começou com achamento da América e a sua colonização por parte dos europeus. E, por conseguinte, na introdução de valores inerentes ao processo iluminista, visando a uma colonização do poder e saber desses espaços colonizados. Ou seja, para alguns desses autores a modernidade teve seu primeiro contato fora da Europa através do processo da colonização com o achamento da América, através dos pressupostos iluministas.

O Grupo M/C, através da voz do seu mais radical membro, Walter Mignolo (2008), sugere a desobediência epistêmica. Para melhor entendermos o que desejamos precisamos compreender como esses pensadores interpretam modernidade, colonialismo e colonialidade. Segundo autores como Bellegrin (2013), Escobar (2005), Bello (2015) e Maldonado-Torres (2008), a modernidade começa a partir do “achamento” da América e da colonização aqui feita. Essa dita modernidade europeia – que ao final do século XVIII assume a razão iluminista e seus princípios na política através da Revolução Francesa – perpetua-se na América Latina pelo colonialismo do saber, do ser e do poder; poder este que entende-se não só no domínio político e econômico, mas também o domínio – através da supressão, escravização e dizimação de culturas e indivíduos não pertencentes ao branco europeu. Surge, o conceito de domínio racial, a racialização das esferas de poder e culturais. Esse colonialismo também passa pelo campo do saber, ao negarem o conhecimento dos indígenas e dos africanos. (OLIVEIRA, 2016, p.4)

O grupo da modernidade e colonialidade buscavam a implementação dos argumentos críticos, no referido continente, como forma de promover e defender o pensamento descolonial através da epistémica teórica, e política e concomitantemente afim de fazer face ao mundo rodeado pela perspectiva colonial. Através desse pensamento traçaram alguns pressupostos estruturados que condizia com discurso do conceito pós – colonialismo, inserindo esse discurso no contexto vigente, identificamos que a superação do pressuposto colonial do poder, ser, e do saber apresentaria um enorme desafio no contexto brasileiro sugerida pela ciência política, e desenvolvido no Brasil.

Sendo assim, o pensamento descolonial apresenta toda uma estratégia sólida travestida de valores culturais, costumes, atitudes que visam contestar, restituir e ressignificar as perspectivas tradicionais, face as ideologias exógenas estabelecidas. Fazendo menção as ideologias europeias. O pós-colonial justifica independência territorial dos povos, mas não justifica a sua independência mental, ou seja, que os efeitos do regime colonial e o seu comportamento ainda se mantém impregnado nas relações de poder, e saber nas nações coloniais.

O pós-colonial, como produto da descolonização abre espaços para o reforçamento do pensar crítico as antigas teorias que tendiam explicar o mundo e a realidade através das visões eurocêntricas, e em razão disso, desenham perspectivas para a ressignificação cultural dos povos que estavam, e que ainda estão sob domínio da ameaça político, e económica europeia, através do processo neocolonialista na contemporaneidade. Ressaltando que o processo da descolonização teve dois vieses um insere-se na descolonização territorial, que se deu através do embargo das lutas de libertação, e o outro pela descolonização mental, ou seja, um processo antagónicos aos pressupostos epistemológicos europeus, vistos outrora como sinónimos da civilização.

No contexto da América Latina, os intelectuais dessa região, não tiveram grande impacto no campo dos estudos coloniais, por não serem mencionados por grandes intelectuais dos estudos pós-coloniais, como no caso de **Homi Bhabha, Edward Said, e Gayatri Spivak** que se destacaram como uns dos mais proeminentes e expressivos no campo académico do pós-colonial.

Do mesmo modo que, nos seus estudos não fizeram nenhuma menção a América Latina em razão do mesmo. Porém, essa invisibilidade da América Latina em relação aos estudos coloniais, injetou nos intelectuais dessa região uma inquietação que se constituiu, em grandes contribuições direcionado para uma series de ações no campo investigativo em torno da colonialidade.

Em decorrência do silêncio ou da obliteração da teoria pós-colonial às contribuições de intelectuais da América Latina é que se constituiu na virada do milênio uma rede de investigação de intelectuais latino-americanos em torno da decolonialidade ou, como nomeia Arturo, em torno de um programa de investigação modernidade/colonialidade. (ESCOBAR 2003 pág. 51)

O termo pós-colonial hoje em dia está inserida em todas as esferas da vida académica, mas infelizmente no Brasil essa discussão entrou tardiamente na academia. Segundo Costa (2006, p.83) que faz uma análise do pós- colonialismo, assume em diferentes pontos de vista de “carácter discursivo” isto é, de modo distinto de se empregar e analisar o termo pós- colonialismo, e também do método da desconstrução do essencialismo, quer dizer, quebrar ou desconstruir os paradigmas essencialistas dos coloniais, com o intuito de radicalizar o pensamento dos sujeitos locais, e ainda enfatizando a criação duma proposta do conhecimento epistemológico endógena que viria a contestar as epistemologias ocidentais tido como o hegemónico. E consequentemente realçar os processos epistemológicos não ocidentais.

Indo mais além, Costa (2006) faz uma interpretação subjetiva do termo **Colonial**, onde começa a destaca-lo como um conjunto de situações opressivos que manifesta de distintas formas e que são delimitados através das fronteiras de género, étnica ou raciais e ainda realça que nem todos os conjuntos de opressões ou coisa do género resultam do colonialismo.

Em suma, os processos descoloniais do poder, saber e ser assumem um papel crítico e preponderante no contexto Latino-Americano, visando uma manutenção autónoma das ciências sociais dos povos submetidos ao processo colonial,

proporcionando principalmente uma ressignificação e valorização profunda dos moldes epistémicos local.

O PENSAMENTO DESCOLONIAL AFRICANO E AS SUAS PERSPETIVAS

Muitos dos intelectuais Africanos e pensadores que registraram a presença direta ou indiretamente nos processos da descolonização da África, e que tiveram um papel revolucionário através da escrita e não só, impulsionando assim, o pensamento africano a uma direccionalidade sob a perspectiva descolonial, visando concomitantemente ao enaltecimento da voz do oprimido que estava sob escombros do colonialismo. Os intelectuais dos países Africanos (PALOP) tiveram um grande papel estratégicos, não exclusivamente no campo político-ideológico-literário, assim como também no campo técnico militar. Com propósito solido de resguardar a soberania territorial, cultural e ideológico. Criando condições propícias para o processo descolonial. Visando assim o restabelecimento autonómica tanto territorial, política e como intelectual.

Nessa perspetiva do pensamento decolonial Nkrumah (1977), na sua obra sobre **Neocolonialismo em Africa**, traz um elemento muito poderoso para elucidar as artemanhas do pensamento ocidental, e propor vias ou alternativas a serem trilhadas face as as ideologias exogenos. Tendo em vista o desenfrear das suas pretensões para com o continente Africano.

Nkruma(1977) vai desenhar toda uma literatura em torno dos avanços incansaveís que neocolonialismo vai empregando no pós independencia, procurando furiosamente dismantelar todas as resistencias dos povos colonizados, através duma nova configuração do colonialismo. Na sua linha do pensamento, começa destacar o perigo eminente que a Africa esta por enfrentar se no caso não tomarem medidas serias e rigidas que faça embate ao regime neocolonial. Visto como a consecuencia do

colonialismo que visa balcanizar os estados africanos demodo a enfraquece-los politicamente e perspetivando a subtração dos seus recursos.

Somente quando as fronteiras artificiais que a dividem forem eliminadas, a fim de criar unidades económicas viáveis e finalmente uma só unidade africana, a África será capaz de se desenvolver industrialmente, em seu próprio interesse e, a longo prazo, no interesse de uma economia mundial sadia. É necessária uma moeda comum e comunicações de todos os tipos precisam ser desenvolvidas para permitir o livre curso de bens e de serviços. (Nkrumah, 1977. p.28)

O colonialismo apresenta uma faceta muito velada nessas sociedades, visto que, a sua maior preocupação não é mais com a presença territorial impondo as suas atrocidades, mas sim, a colonização mental e política, impondo propositalmente uma lavagem cerebral aos dirigentes desses países, priorizando a influência política e económica nesses territórios colonizados.

A única solução que N'krumah (1977) vai propor para a erradicação dos moldes europeus no continente Africano, ou seja, no sentido descolonial, é para que a África formalize uma estrutura conjunta e eficiente para se fazer face aos jugo neocolonial, que também pode ser percebido como colonialismo epistemológico ou seja, é necessário que os Africanos se unam politicamente com propostas coletivas, sólidas e efetivas com a perspectiva de pôr fim às pretensões exógenas, de explorar e saquear os Africanos.

Essas propostas passam respetivamente sobre todos os pilares do seu desenvolvimento, tanto nos aspetos económicos e de defesa. É preciso que haja uma força conjunta com espirito verdadeiro e com a vontade de liberdade economica, politica e principalmente cultural. Considerando que a última apresenta uma grande visibilidade no contemporaneo, e que precisa duma enorme atenção por parte dos elementos constituintes dessas nações convista ao despertar das consciencia demodo a posicionar e agregar conceitos e valores que efetivamente lhes façam enxergar o real proposito neocolonialista.

Dois pensamentos surgiram no pós-colonialismo, o primeiro foi o processo de descolonização do terceiro mundo. Este discurso diz respeito as independências econômicas, políticas e culturais visando na emancipação da África, América-Latina e Ásia no século XX, e a segunda refere-se as contribuições teóricas que se juntaram a estes pensamentos. Parafraseando o autor Paulin Hountondji(2008) em que o autor através da sua concepção propõe a necessidade da valorização e emancipação dos povos africanos através da produção epistemológica, como uma das formas de afirmação, enquanto produtor de saberes, e críticos aos processos de colonização epistemológicas ocidentais.

Contudo, o Hountondji (2008) viu-se na necessidade da África se autoproclamar-se dono da sua própria história, e protagonista do seu espaço e conhecimento. Segundo o autor, essa autonomia precisa-se tornar efetiva na medida em que os intelectuais africanos revidem esforços na pesquisa e na publicação dos conhecimentos tendo em vista, a realçar os elementos linguísticos como forma de incentivar estudos que procurassem traduzir as suas narrativas, e também como forma de levar o conhecimento mais perto aos endógenos que outrora não conseguiam mergulhar nas narrativas pela limitação linguística a que se faz presente nos livros.

Outra perspectiva também muito importante que Houtondji (2008) vai realçar, é a questão dos próprios intelectuais africanos a se desvincularem nas suas produções académicas, as narrativas ocidentais, visto que essas produções fortificam mais ainda as teorias defendidas por intelectuais ocidentais, como forma de legitimar as suas concepções em relação a África. Onde os próprios ocidentais manifestam de forma escancarada de que os africanos não possuem a intelectualidade de produzirem conhecimentos autonomamente a não ser produzir algo por cima do que eles já produziram.

Nessa perspectiva, segundo Houtondji (2008) os académicos africanos precisam escrever e reconstruir a mundo visão dos seus antepassados, com vista a realçar e auto afirmar a existência da sua filosofia. Porém, essa filosofia que desde sempre vem sendo motivo de contestação em relação a sua existência pela hegemonia ocidental, considerando-os incapazes e inconsciente na produção filosófica.

O autor ainda vai além nessa seara, onde vai dizer que existe uma diferenciação entre os africanos no campo da filosofia e africanista ocidentais, tendo em conta as suas

próprias concepções em relação existência ou não duma filosofia africana, e ainda chama atenção dos acadêmicos africanos pela responsabilidade que eles têm em função da produção dos conhecimentos endógenos como forma de fazer embate aos africanistas ocidentais.

Continuando ainda na mesma percepção do autor Hountondji (2008), no qual vai destacar alguns dos intelectuais negros que contribuíram muito para essa tomada de consciência acadêmica e dos princípios de valor da sua própria cultura, entre eles estão Leopold Sedar Senghor, Aimé Césaire e dentre outros. Sendo assim ele defende profundamente o modelo alemão, modelo esse no qual promove a valorização dos princípios culturais e linguísticas local.

Portanto, fazendo uma ponte ao aspecto epistemológico defendido por Santos (2009) na sua obra sobre epistemologia do Sul, ao qual o Sul é encarado não como um elemento geográfico, mas sim como um aspecto de produção epistemológico autônoma que representa as diversas cosmovisões. Lembrando que o Sul representa toda uma carga cultural, filosófica e epistemológica adversa, que contrapõe a sua inexistência por parte do Norte. Sendo assim dentro dessa perspectiva epistemológica, Hountondji (2008) por sua vez propõe a valorização dessa epistemologia especificamente no caso Africana em detrimento da universalidade epistemológico do Norte, que rejeita a sua existência cultural

Porém, as noções de sul surgem como alternativas de conhecimento, visto que abre outros horizontes epistemológicos com vista a entender as suas concepções, diferenciações e peculiaridade que vão transpondo e afirmando de modo a constituir-se também como conhecimento sólido, e que merece toda atenção.

O Sul na concepção de Santos (2009), “é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistemológicos que tenta reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (grifos meus). Sendo assim, a epistemologia do Sul, representa um conjunto de recursos epistemológicos que escancara as denúncias da supressão dos saberes desses povos e nações submetidos ao processo de colonização. Porém, essa epistemologia procura também valorizar os saberes, e assim, estabelecer uma horizontalidade em relação ao diálogo entre os conhecimentos.

Nessa dimensão, o Sul não se representa como um elemento geográfico, mas também como um processo epistemológico reparadora que faz oposição ao processo do capitalismo colonial. Ou seja, para concepção colonial, e capitalista, as epistemologias e as formas das sociedades não ocidentais, tem sido colocada ao extremo, quer dizer, essas formas de conhecimentos e experiências não pressupõe um aspeto considerável enquanto conhecimento que não advém duma perspectiva ocidental. Sendo que, as perspectivas ocidentais, prevê a não reconhecimentos de outras epistemologias que pudessem contribuir para o enriquecimento do conhecimento de modo genérico, e abrem ainda mais espaços para o processo de colonização mental.

Porém, ele defende que na eminente impossibilidade de o povo de sul excluïrem todas as formas de modernização e a possível consequência que ela arrasta, seria capaz uma construção de alternativas que dariam suporte as suas adaptações, construções essas, duma modernidade alternativa que respondesse os anseios e as necessidades que condizem com as suas perspectivas de vida.

Santos na sua percepção (2009), estabelece uma alternativa considerada plausível e pertinente para a construção da identidade com base na peculiaridade dos povos do Sul, no caso da inexistência ou exclusão da modernidade enquanto modelo ocidental universalizada. Uma das saídas peculiares aos povos do Sul, apontadas pelos autores, seria a instituição de um “cosmopolitismo subalterno”, “significando tolerância, patriotismo, cidadania global, comunidade global de seres humanos, culturas globais etc.”

Esse cosmopolitismo possui também um olhar significativo no campo produtivo, ou seja, no viés epistemológico na medida que funciona como elemento difusor das causas do sul. Segundo o mesmo, a constituição subalterna desses povos do Sul, com a coadunação das suas experiências políticas, fomentaria a construção duma nova epistemologia que dialogasse com as suas realidades cosmopolita. Ou seja, o autor mostra escancaradamente a sua inclinação e confiança no cosmopolitismo subalterno como solução para criação dum novo processo epistemológico subalterna. Portanto, na sua concepção, a desconstrução de forma hegemônica deve-se a própria construção duma nova epistemologia que fizesse embate aos moldes epistemológico ocidental.

Para os críticos como a Rosa (2014) esse tipo de modelo que visa a construção duma epistemologia do sul paralela, não resolveria em nada, ou seja, não superaria o

"colonialismo epistemológico" a que estão inseridos, visto que deixaria intactas essas mesmas condições, pela incapacidade de produzir epistemologias que dialogassem com a perspectiva do mundo dos colonizados:

De meu ponto de vista, este tipo de saída elíptica não nos ajuda a superar o colonialismo epistemológico, pois mantém intacto o dilema entre ou a imposição de uma epistemologia (geral e que dê conta das diversidades) ou a aceitação de várias epistemologias (que não necessariamente se comunicam ou querem se comunicar) espalhadas pelo mundo colonizado em condições, durações e com consequências tão diferentes. (ROSA, 2014 p.48)

Portanto, Santos (2009) segundo a sua perspectiva, no qual propõe promover um diálogo em que as expectativas diversas do Sul comunicassem com as epistemologias do Norte, sem estabelecimento de hierarquia que impõe restrições em termos de relacionamento, ou seja estabelecer um diálogo franco e sólido entre o conhecimento científico, e social do Norte e os saberes filosóficos e epistemológicos do sul. Nessa perspectiva o Sul apresenta se como elemento vitimizada num processo que estende muitas, e muitas décadas no qual ele vem sendo vítima das teorias opressoras do Norte, considerando-as de antiquadas em relação as suas tradições.

Nessa dimensão segundo Rosa, (2014) o Sul fornece todos elementos propícios para a construção da modernidade autónoma. Elementos esses que foram fornecidos através do processo da colonização, abrindo espaços para os fenômenos como a proletarização e cosmopolitismo, ou seja, todas essas formas de vida e experiências do cotidiano colonial, abre espaços para construção dum modelo de civilização do sul. “No Sul, sob diferentes contextos coloniais, têm sido criadas formas de vida doméstica e urbana, de “proletarização camponesa”, de “cosmopolitismos deslocados forjados em espaços que estão entre o prometido e a privação, entre a exclusão e a obliteração” e que serviriam para estabelecer suas próprias contemporaneidades e modernidades”.

Nessa esteira, os jovens intelectuais africanos que surgiram através da tomada de consciência da condição colonial a que se fazia presente, com as suas adversas teorias epistemológicas, imbuídos numa causa coletiva sob a valorização da África negra, e a crítica da ordem intelectual e universal europeia, tiveram uma grande importância nesse

contexto descolonial, bebendo dos ideários pan-africanismo e negritude. Assim, as ideias que sustentavam os anticoloniais como no caso de Aime Cesaire (1913-2008), Franz Fanon (1925-1961) e tantos outros mais, era duma África negra unida, através da sua cultura e de pressupostos anti-imperialistas. Ou seja, criar um sentimento nacionalista negro africano com as suas propostas e objetivos, fazendo oposição as forças culturais externas.

O continente africano viveu, e ainda vive momentos que se pode considerar de "opressivo", na medida que a sua condição atual reflete a pura dependência sócio e político das forças exteriores. Ou seja, com o processo da globalização o continente africano é forçosamente condicionado ao enquadramento de series de regras pré-estabelecidas pela Europa. Entretanto, cabe questionar a que ponto pode se falar de dependência plena, tanto no campo político e intelectual, visto que a colonização tem deixado marcas consideráveis no cotidiano dos povos africanos como por exemplo a própria língua e os costumes culturais que estão entranhados nas nossas relações.

Não obstante as nações africanas tenham conseguido suas independências políticas mediante um colossal movimento de resistência, adentrando no que se habituou designar de período pós-colonial, observam-se as irrefragáveis alterações culturais ocorridas na vida dos mais variados povos integrantes desse continente. As marcas da situação colonial persistem como chagas abertas na cultura dos povos africanos, mesmo no período posterior à independência política dos seus países diante do seu reconhecimento como Estados soberanos; por exemplo, os idiomas oficiais desses Estados são, maioritariamente, línguas impostas pelos colonizadores. (REIS e ANDRADE 2018, p 02)

Parafraseando Fanon (2008) ao qual retrata a condição do negro rejeitar a sua própria cultura (língua) ou negritude em detrimento da cultura europeia. Ele traz esse debate importantíssimo com o propósito claro de mostrar que o colonialismo não reflete exclusivamente as condições impostas culturalmente sobre forma de opressão, mas também move outras fontes de legitimação para a sua condição enquanto elemento colonizador, que é a diferença racial. Ou seja, na sua concepção “o colono é que fez e continua fazendo o colonizado. ”

O colono introduz no colonizado conjunto de paradigmas e valores que consequentemente faz o mesmo passar a se auto intitular se de europeu, no qual perde toda a sua originalidade cultural. Portanto, nesta esteira que entra o estudo descolonial

com o propósito de romper e suscitar uma ressignificação cultural e epistemológica da condição do colonizado. Trazendo como foco da sua atuação o despertar epistemológicos. Sendo assim procurando incansavelmente a sua emancipação em todas as esferas da sua condição enquanto colonizado.

Segundo a ROSEVICS (2017) a intenção não se trata exclusivamente num olhar teórico, mas de ações que devem ser engajadas contra a interferência hegemônica, sobretudo nas trincheiras da política e economia, sendo foco proeminentes do neocolonialismo em África. Sendo assim nessa seara, a corrente descolonial prevê a não exclusivamente ações que visam oposição aos moldes epistemológicos europeus, mas também ações com objetivos de fazer uma reconstituição tanto autónoma assim como cultural dos povos subalternizados.

A agenda capitalista foi um marco imprescindível no processo da introdução dum novo paradigma no mundo rodeado pela experiência colonial, a sua atuação nesses espaços é indissociável ao colonialidade do poder, em que a condição social é classificado através dos segmentos culturais denominados de civilizados. Ou seja, é mais uma legitimação da condição do colonizador sobre o colonizado em que o fator cultural se torna o expoente mais expressivo e legitimador do seu poder.

Segundo Ramose (2011), filósofo sul-africano na sua concepção defende o elemento descolonial através duma adaptação estratégica dos currículos educacionais como processo opositor aos moldes “civilizatório” europeus, em termos educacionais e concomitantemente propiciar o subalterno espaço de ressonância epistemológica, inculcando-o senso crítico e reflexivo sobre a sua condição. Assim, no caso Brasileiro, concretamente na seara educacional Indígena, tem-se promovido o viés pedagógico descoloniais. Abrindo espaços para a valorização cultural, e preservando assim a natureza e a inclusão social.

Portanto, o processo da descolonização mental se torna um instrumento necessário e funcional, na medida em que os processos neocoloniais se fazem cada vez mais presente, em termos do domínio do pensamento político e económico dos países subalternizados. Por tratar assim de um instrumento emancipador e libertador. Nessa perspectiva é que está inserida a esfera descolonial, procurando não exclusivamente ao enaltecimento cultural, política e económica, e assim como enaltecer a própria voz do subalterno que aclama sua liberdade.

Na perspectiva Africana, como por exemplo nas colônias francófonas que tiveram o desgosto da experiência colonial francesa, atualmente respiram profundamente os resquícios dessa colonização nas mais diversas condições cotidianas, algo semelhante nas colônias portuguesas. Sendo assim, as relações dessas colônias com a metrópole são muito imbricadas no aspeto cultural, tendo em conta os interesses políticos e económicos que as almejam de forma assimétrica, “Após vários séculos de assimilação progressiva, de apropriação, de reapropriação e de tráficos, o francês acabou por converter-se numa língua africana de pleno direito” (MBEMBE, 2014, p. 87, grifo do autor).

Mbémbe (2001) ainda na sua concepção traz alguns elementos considerados de responsáveis para explicar a determinada condição em que o negro se encontra, no contemporâneo. Elementos esses, como colonização, a escravidão e o apartheid, fatores indissociáveis a sua própria condição histórica. Sendo assim esses elementos tem colocado o negro numa situação difícil, e que através do qual ele perde a sua dignidade.

Concomitantemente esses elementos servem como fatores da união e da tomada de consciência que outrora tinha sido submetido as diversas formas de dominação. Entretanto, há uma grande dificuldade de o negro se sentir livre e se expor perante adversidade de situações no qual ele se sente autodeterminado enquanto um ser humano, é, portanto, pela razão da ordem histórica perversa a que foi submetido. Ordem histórica essa que se constituiu sob várias formas de brutalidade.

O fim do tráfico de escravo no atlântico na visão europeia suscitou uma enorme dúvida sobre a capacidade de os africanos se autogovernarem-se, tendo em conta o preconceito e a própria condição predatória a que foi atribuída pelos europeus.

Outro ponto fundamental, que corresponde a essa dúvida é a questão da relação com o fator modernidade. Ou seja, existe uma complexidade em termos da compatibilidade dos pressupostos modernos com o mundo Africano. Nessa perspectiva é fundamental abordar essa questão da cosmovisão negra, no qual traz todo um conjunto de significados pertencentes a uma filosofia singular no qual pretende a busca duma autonomia. Mbembé (2011) faz uma crítica trazendo em foco o olhar paralelo para justificar as posições contraditória do mundo iluminista, que ao qual concebe o corpo negro como algo desprovido de significados, ou seja, como elemento que não possui

enquadramento dentro dos padrões de beleza, e conseqüentemente um fator sombrio, inconseqüente, desprovido de consciência.

De acordo com este lado mais sombrio do Iluminismo, os africanos teriam desenvolvido concepções particulares sobre a sociedade, o mundo e o bem que eles não compartilhariam com outros povos. E ocorre que tais concepções de forma alguma manifestariam o poder da invenção e da universalidade peculiar à razão. Tampouco as representações, a vida, o trabalho, a língua, ou os atos referentes à morte realizados pelos africanos, obedecem a qualquer regra Ou lei cujo significado eles possam, por sua própria conta, conceber ou justificar. Por causa desta diferença radical, seria legítimo excluí-los, tanto de facto como de jure, da esfera da total e completa cidadania humana: eles nada têm que possa contribuir para o desenvolvimento do universal. (Mbembé, 2011, p.8)

Entretanto, a percepção da inexistência da história negra por parte dos europeus dentro do círculo, ao qual o mesmo se encontra e procura determinar o seu próprio protagonismo, abre perspectiva para tomada de consciência da sua condição, e medidas que respondessem os seus próprios anseios, começando pela afirmação da sua história enquanto ser cultural e autónomo.

Portanto, a corrente descolonial faz se necessário nessa perspectiva, não somente na oposição a perversidade colonial, mas também na conseqüente manutenção das diversas esferas da vida social, tanto no âmbito político, económico assim como epistemológico. Porém abre possibilidades para a sua ressignificação cultural na perspectiva do endógeno, sendo que, tornaria vazia, a vida do endógeno em termos culturais e ideológica somente a repulsa da sua condição enquanto colonizado travestido de traços culturais europeias, sem a sua ressignificação cultural e epistemológica.

IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO DESCOLONIAL NA CONTEMPORANEIDADE

A matéria descolonial possui um importante peso no contemporâneo, especialmente nos países ou espaços que experimentaram a dura realidade do colonialismo. Entretanto, o colonialismo atualmente nesses espaços se apresenta provido duma estética neocolonialista, com pretensões adversas em diferentes domínios, tal como político, cultural, epistemológico. Nessa perspectiva é urgente abordar essa questão nesses espaços, com vista numa descolonização mental e autónoma dos sujeitos e valorizando consequentemente os traços culturais, políticas e epistemológicas endógena.

Fanon (1952) faz uma avaliação da condição do negro o qual considera que “ as estruturas sociais coloniais durante longo tempo a que tem introduzido e subjugado o negro nas condições mais perversas de alienação, ou seja, o processo colonial introduziu na subjetividade dos colonizados elementos que através do qual ele não se reconhece a si mesmo como um ser social, cultural e protagonista da sua história, além do reflexo que mundo colonial lhe oferece.

Reflexo esse, que abrange todos os aspetos imposto da vida colonial. Sendo assim propôs uma radicalização em termos da descontinuidade das estruturas coloniais (ruptura cultural, política e epistemológica) no intrínseco da sociedade do colonizado, através duma transformação social. Sendo assim, para que efetivamente se possa ter uma estrutura social sólida, e autónoma desvinculado dos segmentos sócias e culturais exógenos, seria necessária uma profunda desalienação mental dos pressupostos coloniais e neocoloniais

O processo descolonial possui um enorme e necessário peso nos centros de debate pós-colonial, tudo pela imposição sociocultural a que o colonialismo tem colocado os países que depararam com esse processo. Isto é, a perspectiva descolonial lança o seu olhar sobre essa condição sociocultural e epistemológico, sendo objetos de colonialidade de saber e poder que o colonialismo introjeta na psique do colonizado fazendo-o refém da sua história.

A matéria descolonial estabelece um diálogo profundo, no contemporâneo com esses objetos que se configura em segundo plano com o processo neocolonial, afim de desconstruí-los e promover assim, as cosmovisões do mundo endógeno.

Considerações finais

Concluindo, Falar da matéria do processo descolonial no contexto onde estão inseridas perspectivas que conjugam com o espírito libertador possui um importante peso principalmente para os países ou espaços que experimentaram a dura realidade do colonialismo. Entretanto, o colonialismo atualmente nesses espaços se apresenta provido duma estética neocolonialista, com pretensões adversas em diferentes domínios, tal como político, cultural, epistemológico. Nessa perspectiva é urgente abordar essa questão nesses espaços, com vista numa descolonização mental e autónoma dos sujeitos, e valorizando consequentemente os traços culturais, políticas e epistemológicas endógena.

Para isso se estabelece como objetivo principal desse trabalho, passar impressões do quão é fundamental abordar sobre a questão descolonial como elemento necessário de afirmação, e de emancipação em dois contextos diferentes, Latino-Americano e Africano, e por conseguinte, evidenciar as formulações ideológicas e propostas descoloniais defendidas por intelectuais inseridos nesses dois contextos distintos, dominado pela colonialidade de saber, poder e ser, através das suas construções epistemológicas, visto que as suas obras possuem uma grande importância na medida que procura fazer uma ruptura profunda em diversos aspetos. O principal problema dessa pesquisa procura evidenciar quais foram as distintas posições tomadas por intelectuais desses diferentes espaços, face ao processo da descolonização mental.

Sendo assim, começando no contexto Latino-Americano ao qual vários autores se debruçaram sobre a matéria do processo descolonial, que segundo ao qual trata-se de uma ferramenta muito discutida pelos intelectuais, tanto nos países da América latina assim como nos países Africanos (África Negra) a respeito disso, surge o coletivo da modernidade e colonialidade que é constituído por intelectuais latino americano que

teve como propósito para sua luta, a busca da ressignificação utópica dentro da esfera da ciências sociais, como elemento promissor e autônoma para edificação do aparato epistemológico na América Latina concretamente no séc. XXI.

Portanto, esse movimento não teve estritamente como a única função fazer imperar as lutas para um resgate epistemológico e autônoma em termos da ciência social, mas também procurava inculcar um viés crítico aos moldes coloniais e neocolonial, dando assim espaço ao pensamento descolonial como objeto crítico aos ideais políticos europeias,

O grupo da modernidade e colonialidade buscavam a implementação dos argumentos críticos, no referido continente, como forma de promover e defender o pensamento descolonial através da epistémica teórica, e política e concomitantemente afim de fazer face ao mundo rodeado pela perspectiva colonial. Através desse pensamento traçaram alguns pressupostos estruturados que condizia com discurso do conceito pós – colonialismo, inserindo esse discurso no contexto vigente, identificamos que a superação do pressuposto colonial do poder, ser, e do saber apresentaria um enorme desafio no contexto brasileiro sugerida pela ciência política, e desenvolvido no Brasil.

No contexto Africano a semelhança do Latino Americano onde vários intelectuais contribuíram com as suas concepções ao respeito do processo descolonial, surge um dos grandes intelectuais africano N'krumah (1977) com as suas formulações descoloniais aonde vai propor uma solução para erradicação dos moldes europeus no continente Africano, ou seja, no sentido descolonial, para que a África formalize uma estrutura conjunta e eficiente para se fazer face aos jugo neocolonial, que também pode ser percebido como colonialismo epistemológico ou seja, é necessário que os Africanos se unam politicamente com propostas coletivas, sólidas e efetivas com a perspectiva de pôr fim às pretensões exógenas, de explorar e saquear os Africanos.

Portanto surge também um outro intelectual africano denominado, Hountondji (2008) que se viu a necessidade da África se autoproclamar-se dono da sua própria história, e protagonista do seu espaço e conhecimento. Sendo que, essa autonomia precisa-se tornar efetiva na medida em que os intelectuais africanos revidem esforços na pesquisa e na publicação dos conhecimentos tendo em vista, a realçar os elementos linguísticos como forma de incentivar estudos que procurassem traduzir as suas

narrativas, e também como forma de levar o conhecimento mais perto aos endógenos que outrora não conseguiam mergulhar nas narrativas pela limitação linguística a que se faz presente nos livros

Do modo igual, um dos grandes filósofos sul-africano denominado Ramose (2011) analisando a sua concepção em relação ao contexto descolonial, vê-se que procura promover uma adaptação estratégica dos currículos educacionais como processo opositor aos moldes “civilizatório” europeus, em termos educacionais e concomitantemente que propicie o subalterno espaço de ressonância epistemológica, inculcando-o senso crítico e reflexivo sobre a sua condição. Assim, no caso Brasileiro, concretamente na seara educacional Indígena, tem-se promovido o viés pedagógico descoloniais. Abrindo espaços para a valorização cultural, e preservando assim a natureza e a inclusão social. Sendo assim, esse estudo abre perspectiva para futuras pesquisas com o foco profundo nos impactos do neocolonialismo em África e outros espaços que testemunharam a dor da colonização europeia.

Em suma, existe várias concepções dos intelectuais que vão insurgir contra os moldes exógenos, impondo as suas ideias estratégicas de modo a se posicionar a favor do pensamento descolonial, como uma das únicas formas de resgate aos aspetos cultural e epistemológica endógeno.

REFERENCIA:

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 60, n. 21, p. 117-134, 2006.

ESCOBAR, Arturo (2003). "**Mundos y conocimientos de otro modo**: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano". *Tabula Rasa*, n. 1, p. 58-86.

FERREIRA, Serafim. Resistência Africana. (Antologia poética organizada por Serafim Ferreira). Lisboa:DIABRIL EDITORA, 1975.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010[1961]

HOUNTONDJI, Paulin J. "**Conhecimento de África, conhecimento de Africanos**: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos". ... Laboratório Associado da Universidade de Coimbra, Março 2008.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição. Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209

OLIVEIRA, Camila Klen: **BREVE INTRODUÇÃO AO GIRO DECOLONIAL: PODER, SABER E SER I** Seminário Científico da FACIG – 17 e 18 de Novembro de 2016

QUIJANO, Anibal & WALLERSTEIN, Immanuel (1992). "Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system". *International Social Science Journal*, v. 44, n. 4, p. 549 - 557.

Reis, e Andrade O pensamento decolonial: In **Análise, desafios e perspectivas**. *Revista Espaço Acadêmico* –n.202 –Março 2018

Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011... Kwame N'Krumah, 1977

ROSEVICS, Larissa (Orgs.). **Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Perse, 2017

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. *Ensaio Filosóficos*. Rio de Janeiro, v. IV, out. 2011.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina-CES, 2009. p. 23-73.

<https://reconquistaranequidade.blogspot.com.br/2012/04/frantz-fanon-e-os-condenados-da-terra.html>